

Anarquismo, insurreições e insurrecionalismo

Andrew Flood

As insurreições – o levante armado do povo – sempre estiveram bem próximas ao coração do anarquismo. Os primeiros documentos programáticos do movimento anarquista foram criados por Bakunin e um grupo de insurrectos republicanos de esquerda europeus, quando faziam a transição para o anarquismo na Itália, na década de 1860. Não se tratou de uma ruptura com o insurrecionalismo, mas sim com o republicanismo de esquerda. Pouco tempo depois, Bakunin participou de uma insurreição em Lyon, em 1870.

A política radical europeia dos últimos cem anos havia sido dominada por insurreições desde que a insurreição bem-sucedida na França, em 1789, desencadeou o processo que levou à derrubada da ordem feudal em todo o mundo. A tomada da Bastilha, em 14 de julho de 1789, mostrou o poder do povo em armas e esse momento insurrecional, que mudou a história da Europa, provavelmente envolveu cerca de apenas mil pessoas.

Insurreição e política de classes

1789 também estabeleceu um padrão em que, embora os trabalhadores constituíssem a massa dos insurrectos, era a burguesia que colhia os frutos – e reprimia as massas no processo de introdução do seu domínio de classe. Esta lição não foi perdida para aqueles que viam a liberdade como algo que tinha de envolver a libertação económica e social de todos, e não o direito de uma nova classe de continuar a exploração «democrática» das massas.

Nas insurreições republicanas que eclodiram na Europa no século seguinte, e em particular em 1848, o conflito entre as classes republicanas capitalistas e pequeno-burguesas e as massas republicanas tornou-se cada vez mais pronunciado. Na década de 1860, esse conflito levou ao surgimento de um movimento especificamente socialista que via cada vez mais a liberdade para todos como algo contra o qual a burguesia republicana lutaria, e não a favor, ao lado da velha ordem, se necessário. Para Bakunin, foi a experiência da insurreição polaca de 1863, que deixou claro que os republicanos burgueses temiam mais uma insurreição camponesa do que o czar, o que provou conclusivamente este ponto. Assim, a luta pela liberdade teria agora de ser travada sob

uma nova bandeira – uma que procurasse organizar as massas trabalhadoras exclusivamente em defesa dos seus interesses.

Os primeiros anarquistas abraçaram as novas formas de organização dos trabalhadores que estavam surgindo, em particular a Associação Internacional dos Trabalhadores ou Primeira Internacional. Mas, embora reconhecessem o poder da classe trabalhadora organizada em sindicatos, ao contrário da maioria dos marxistas, eles não viam isso como um sinal de que o capitalismo pudesse ser reformado. Os anarquistas insistiam que ainda seriam necessárias insurreições para derrubar a velha classe dominante.

As primeiras insurreições anarquistas

As tentativas anarquistas de insurreição se espalharam com o crescimento do movimento. De fato, mesmo antes da tentativa de Lyon, o anarquista Chávez López esteve envolvido em um movimento insurrecional indígena no México que, em abril de 1869, publicou um manifesto pedindo “o princípio consagrado dos governos autônomos das aldeias para substituir a soberania de um governo nacional considerado colaborador corrupto dos latifundiários”.¹

Na Espanha da década de 1870, onde as tentativas dos trabalhadores de formar sindicatos foram reprimidas, os anarquistas estiveram envolvidos em muitas insurreições e, no caso de algumas pequenas cidades industriais, tiveram sucesso local durante as revoltas de 1873. Em Alcoy, por exemplo, depois que os trabalhadores da indústria papelaria entraram em greve por uma jornada de oito horas e foram reprimidos, “os trabalhadores invadiram e incendiaram as fábricas, mataram o prefeito e marcharam pela rua com as cabeças dos policiais que haviam executado”.² A Espanha testemunhou muitas insurreições lideradas por anarquistas antes da mais bem-sucedida – aquela que enfrentou e quase derrotou o golpe fascista de julho de 1936.

Na Itália, em 1877, Malatesta, Costa e Cafiero lideraram um grupo armado em duas aldeias da Campânia. Lá, queimaram os registros fiscais e declararam o fim do reinado de Victor Emmanuel – no entanto, sua esperança de provocar uma insurreição fracassou e as tropas logo chegaram. Bakunin já havia se envolvido em uma tentativa de incitar uma insurreição em Bolonha, em 1874.

¹ John M Hart's "Anarchism and the Mexican Working Class"

² James Joll, *The Anarchists*, 229.

Os limites das insurreições

Muitas dessas tentativas precoces de insurreição resultaram em severa repressão estatal. Na Espanha, o movimento foi forçado à clandestinidade em meados da década de 1870. Isto levaria ao período da “Propaganda pela Ação”, quando alguns anarquistas reagiram à repressão assassinando membros da classe dominante, incluindo vários reis e presidentes.

O Estado, por sua vez, escalou a repressão, após um atentado a bomba em Barcelona em 1892, cerca de 400 pessoas foram levadas para as masmorras de Montjuich, onde foram torturadas. Unhas foram arrancadas, homens foram pendurados no teto e tiveram seus órgãos genitais torcidos e queimados. Vários morreram devido à tortura antes mesmo de serem levados a julgamento e cinco foram posteriormente executados.

Provavelmente, a falha teórica crucial desse período foi a crença de que os trabalhadores estavam dispostos a se levantar em todos os lugares e que tudo o que os grupos anarquistas precisavam fazer era acender a chama da insurreição. Essa fraqueza não se limitava ao anarquismo — como vimos, era também a abordagem do republicanismo radical, o que significava que, às vezes, como na Espanha ou em Cuba, os anarquistas e os republicanos acabavam lutando juntos contra as forças do Estado. Em outros lugares, a esquerda às vezes assumia esse papel — a Rebelião da Páscoa de 1916 na Irlanda testemunhou uma aliança militar entre sindicalistas revolucionários e nacionalistas.

No entanto, a abordagem organizacional original dos anarquistas em torno de Bakunin não se limitava a tentativas de insurreição, mas também incluía o envolvimento dos anarquistas nas lutas de massa dos trabalhadores. Enquanto alguns anarquistas responderam às circunstâncias construindo uma ideologia de “ilegalismo”, a maioria começou a se voltar para essas lutas de massa e, em particular, entrando ou construindo sindicatos de massa com base no sindicalismo revolucionário. Nos primeiros anos do século XX, os anarquistas estiveram envolvidos ou simplesmente construíram a maioria dos sindicatos de intenção revolucionária que dominariam a política radical até a Revolução Russa. Muitas vezes, esses sindicatos se envolveram em insurreições, como em 1919, na Argentina e no Chile, que incluiu, no Chile, trabalhadores que “tomaram posse da cidade patagônica de Puerto Natales, sob a bandeira vermelha e os princípios anarcossindicalistas”.³ Anteriormente, em 1911, os anarquistas mexicanos do PLM, com

³ Agradecemos ao Pepe pelas informações sobre esses eventos na Argentina e no Chile.

a ajuda de muitos filiados da IWW dos EUA, “organizaram batalhões... na Baja Califórnia e tomaram a cidade de Mexicali e arredores”.

As insurreições e os comunistas anarquistas

A tradição organizacional comunista-anarquista dentro do anarquismo remonta a Bakunin e aos primeiros documentos programáticos produzidos pelo surgimento do movimento anarquista na década de 1860. No entanto, essas ideias organizacionais não foram desenvolvidas de forma coletiva até a década de 1920.

Mesmo assim, havia indivíduos e grupos que defendiam as principais características do comunismo anarquista organizado: o envolvimento na luta de massas dos trabalhadores e a necessidade de uma organização anarquista e de propaganda específicas. O comunismo anarquista foi clarificado em 1926 por um grupo de exilados revolucionários que analisaram por que seus esforços até então haviam fracassado.

Isso resultou na publicação do documento conhecido em inglês como “Organizational Platform of the Libertarian Communists” (Plataforma Organizacional dos Comunistas Libertários), que analisamos em detalhes em outro lugar.

Aqui, é relevante notar que, como seus antecessores da década de 1860, esse grupo de comunistas anarquistas estava tentando aprender com o engajamento anarquista nas insurreições e revoluções do período 1917-21.

Entre eles estava Nestor Makhno, que havia sido a figura central de uma grande insurreição liderada por anarquistas no oeste da Ucrânia. O Exército Revolucionário Insurrecional da Ucrânia lutou contra os austro-húngaros, pogromistas antissemitas, vários exércitos brancos e o Exército Vermelho controlado pelos bolcheviques durante esses anos.

Esses plataformistas, como ficaram conhecidos, escreveram: “O princípio da escravidão e da exploração das massas pela violência constitui a base da sociedade moderna. Todas as manifestações de sua existência: a economia, a política, as relações sociais, repousam na violência de classe, cujos órgãos de serviço são: a autoridade, a polícia, o exército, o judiciário... O progresso da sociedade moderna: a evolução técnica do capital e o aperfeiçoamento de seu sistema político, fortalece o poder das classes dominantes e torna mais difícil a luta contra elas... A análise da sociedade moderna nos

leva à conclusão de que o único caminho para transformar a sociedade capitalista em uma sociedade de trabalhadores livres é o caminho da revolução social violenta.”⁴

A experiência espanhola

O próximo desenvolvimento do comunismo anarquista envolveu mais uma vez aqueles que estavam no centro de uma insurreição – desta vez, o grupo Amigos de Durruti, que atuou durante a insurreição de Barcelona em maio de 1937. Os membros e apoiadores do ADD eram camaradas de destaque na frente de batalha de Gelsa.⁵

Os ADD eram compostos por membros da CNT, mas eram altamente críticos do papel que a CNT havia desempenhado em 1936: “A CNT não soube estar à altura do seu papel. Não quis levar adiante a revolução com todas as suas consequências. Eles ficaram assustados com as frotas estrangeiras... Alguma revolução já foi feita sem ter que superar inúmeras dificuldades?” Existe alguma revolução no mundo, do tipo avançado, que tenha sido capaz de evitar a intervenção estrangeira? ... Usando o medo como trampolim e deixando-se levar pela timidez, nunca se consegue nada. Somente os ousados, os resolutos, os homens corajosos podem alcançar grandes vitórias. Os tímidos não têm o direito de liderar as massas... A CNT deveria ter assumido o comando do país, dando um golpe de misericórdia em tudo o que é ultrapassado e arcaico. Dessa forma, teríamos vencido a guerra e salvado a revolução... Mas fez o contrário... Deu um sopro de oxigênio a uma burguesia anêmica e aterrorizada.”⁶

Em grande parte do mundo, o anarquismo foi reprimido no período anterior, durante e após a Segunda Guerra Mundial. Os anarquistas estiveram envolvidos em movimentos partisanos em toda a Europa durante a guerra, mas, no período pós-guerra, foram reprimidos pelo “comunismo” oriental ou pela “democracia” ocidental. No Uruguai, um dos poucos lugares onde um movimento anarco-comunista de grande porte sobreviveu, a FAU travou uma luta armada clandestina contra a ditadura militar a partir da década de 1950. Os anarcossindicalistas cubanos, em particular os trabalhadores do tabaco, desempenharam um papel significativo na revolução cubana, mas foram reprimidos pelo novo regime após o fim da guerra.

⁴ Plataforma Organizacional dos Comunistas Libertários, Dielo Trouda (Causa dos Trabalhadores), 1926, disponível online em http://struggle.ws/platform/plat_preface.html

⁵ Jaime Balias (secretário dos Amigos de Durruti), Rumo a uma nova revolução, disponível online em <http://struggle.ws/fod/towardsintro.html>

⁶ Rumo a uma nova revolução

A ideologia do insurrecionalismo

Existe uma longa tradição no anarquismo de construir ideologias a partir de uma tática. O longo e profundo envolvimento dos anarquistas em insurreições deu origem, sem nenhuma surpresa, à ideologia anarquista do insurrecionalismo.

Uma das primeiras autodefinições do insurrecionalismo em inglês pode ser encontrada nesta tradução de 1993: “Consideramos que a forma de luta mais adequada ao estado atual do conflito de classes em praticamente todas as situações é a insurrecional, e isso é particularmente verdadeiro na região do Mediterrâneo. Por prática insurrecional entendemos a atividade revolucionária que pretende tomar a iniciativa na luta e não se limita a esperar ou a simples respostas defensivas aos ataques das estruturas de poder. Os insurrecionalistas não aderem às práticas quantitativas típicas da espera, por exemplo, projetos organizacionais cujo primeiro objetivo é crescer em número antes de intervir nas lutas e que, durante esse período de espera, limitam-se ao proselitismo e à propaganda, ou à contrainformação estéril, pois é inócua”.⁷

Como uma ideologia, o insurrecionalismo tem origem nas condições peculiares da Itália e da Grécia do pós-guerra. No final da Segunda Guerra Mundial, havia uma possibilidade real de revolução em ambos os países. Em muitas áreas, os fascistas foram expulsos pelos guerrilheiros de esquerda antes da chegada dos exércitos aliados. No entanto, devido ao acordo de Yalta, Stalin instruiu a esquerda revolucionária oficial do Partido Comunista a conter a luta. Como resultado, a Grécia sofreria décadas de ditadura militar, enquanto na Itália o Partido Comunista continuava a reprimir as lutas. O insurrecionalismo foi uma das muitas novas ideologias socialistas que surgiram para lidar com essas circunstâncias específicas. No entanto, o desenvolvimento do insurrecionalismo nesses países está além do escopo deste artigo. Aqui, queremos examinar o desenvolvimento da ideologia insurrecionalista no mundo anglo-saxão.

Insurrecionalismo no mundo anglo-saxão

Um insurrecionalista descreveu como essas ideias se espalharam a partir da Itália: “O anarquismo insurrecionalista vem se desenvolvendo no movimento anarquista de língua inglesa desde a década de 1980, graças às traduções e aos escritos de Jean Weir em sua “Elephant Editions” e em sua revista “Insurrection”.

⁷ Para uma Internacional Insurrecionalista Antiautoritária - Proposta para um Debate, Internacional Insurrecionalista Antiautoritária, (Grupo Promotor), Elephant Editions 1993, disponível online em <http://www.geocities.com/cordobakaf/inter.html>

Em Vancouver, no Canadá, camaradas da região envolvidos na Cruz Negra Anarquista, no centro social anarquista local e nas revistas “No Picnic” e “Endless Struggle” foram influenciados pelos projetos de Jean, e isso se estendeu à prática sempre em desenvolvimento dos anarquistas insurrecionais na região atualmente. A revista anarquista “Demolition Derby”, de Montreal, também noticiou algumas notícias anarquistas insurrecionais naquela época.”⁸

Também não deve ser uma surpresa o fato do insurrecionalismo surgir como uma tendência mais marcante no anarquismo de língua inglesa neste momento. O grande impulso que o anarquismo recebeu do movimento de protesto contra as cúpulas se deveu, em parte, à alta visibilidade das táticas ao estilo black bloc. Após o protesto contra a cúpula de Praga em 2000, o Estado aprendeu a reduzir significativamente a eficácia dessas táticas.

Logo após a experiência desastrosa de Gênova e uma série de bloqueios controlados nos EUA, surgiram argumentos que enfatizavam, por um lado, uma maior militância e uma organização mais clandestina e, por outro, um afastamento do espetáculo dos protestos contra cúpulas.

Paralelamente, muitos jovens que ingressavam na política anarquista pela primeira vez frequentemente assumiam a suposição incorreta de que a imagem militante que inicialmente atraiu sua atenção nos noticiários da TV era um produto específico do insurrecionalismo. Na verdade, a maioria das variedades anarquistas da luta de classes, incluindo comunistas anarquistas e membros de sindicatos revolucionários, participaram de protestos no modelo do black bloc durante as cúpulas. Como todos eles consideraram que as insurreições reais desempenham um papel significativo na conquista de uma sociedade anarquista, não deveria ser surpreendente que se envolvessem em pequenos confrontos de rua nas ocasiões em que essa tática parecia fazer sentido. Na época dos acontecimentos de Gênova, quando o Estado havia claramente aumentado o nível de repressão que podia empregar, os comunistas anarquistas debatiam nas colunas desta revista e em outras publicações se tais táticas tinham futuro.

⁸ Andy postou em resposta a um rascunho inicial deste artigo no fórum anti-política, consulte <http://www.anti-politics.net/forum/viewtopic.php?t=1052>

As ideias do insurrecionalismo

Provavelmente é útil dissipar alguns mitos sobre o insurrecionalismo logo de início. O insurrecionalismo não se limita à luta armada, embora possa incluí-la, e a maioria dos insurrecionalistas é bastante crítica do elitismo das vanguardas da luta armada. Também não significa procurar continuamente iniciar insurreições reais, pois a maioria dos insurrecionalistas é suficientemente inteligente para perceber que esse programa máximo nem sempre é possível, mesmo que também condenem outros anarquistas por aguardarem.

Então, o que é insurrecionalismo? Do or Die 10 publicou uma introdução útil⁹ com o título “Anarquia Insurrecional: Organizando-se para o Ataque!”.¹⁰ Utilizo citações substanciais deste artigo na discussão que se segue.

O conceito de “ataque” está no centro da ideologia insurrecional, explicado da seguinte forma

O ataque é a recusa da mediação, da pacificação, do sacrifício, da acomodação e da conciliação na luta. É através da ação e da aprendizagem da ação, e não da propaganda, que abriremos o caminho para a insurreição, embora a análise e a discussão tenham um papel importante no esclarecimento de como agir. Esperar apenas ensina a esperar; é agindo que se aprende a agir.

Este ensaio baseou-se em várias obras insurrecionalistas publicadas anteriormente, uma das quais, intitulada “At Daggers Drawn” (Às adagas), explicava que

A força de uma insurreição é social, não militar. A rebelião generalizada não se mede pelo confronto armado, mas pela extensão da paralisação da economia, pela tomada dos locais de produção e circulação, pela partilha gratuita que queima todo o cálculo... Nenhum grupo guerrilheiro, por mais eficaz que seja, pode substituir este grandioso movimento de destruição e transformação.¹¹

A noção insurrecionalista de ataque não se baseia numa vanguarda que conquistará a libertação da classe trabalhadora. Em vez disso, eles têm claro que “o que o sistema teme não são esses atos de sabotagem em si, mas sim a sua disseminação

⁹ Contudo, contém pelo menos um erro básico, ao descrever estranhamente a Federação Anarquista Italiana sintetista como uma “organização platformista”, o que sugere que os autores fizeram pouca ou nenhuma tentativa de compreender o que é o platformismo antes de rejeitá-lo.

¹⁰ Do or Die 10, 2003, disponível online em <http://www.eco-action.org/dod/no10/anarchy.htm>

¹¹ Anon., At Daggers Drawn with the Existent, its Defenders and its False Critics, Elephant Editions Online em http://www.geocities.com/kk_abacus/ioaa/dagger.html

social”.¹² Em outras palavras, as ações diretas de um pequeno grupo só podem ser bem-sucedidas se forem adotadas por toda a classe trabalhadora. Essa é uma maneira muito mais útil de discutir a ação direta do que o debate mais convencional da esquerda, que polariza os extremos das “equipes de ação direta”, que veem suas ações em si mesmas como a realização do objetivo, contra as organizações revolucionárias que se recusam a ir além da propaganda para a ação de massa – e, com frequência, argumentam contra as ações “elitistas” de pequenos grupos.

Revoltas e luta de classes

Os insurrecionalistas frequentemente reconhecem a luta de classes onde a esquerda reformista se recusa a fazê-lo. Ao escrever sobre a Grã-Bretanha no início dos anos 1980, Jean Weir observou que “as lutas que ocorrem nos bairros pobres dos centros urbanos são frequentemente interpretadas erroneamente como violência irracional. Os jovens que lutam contra a exclusão e o tédio são elementos avançados do conflito de classes. As paredes dos bairros pobres devem ser derrubadas, não cercadas”.¹³

A ideia de que tais ações precisam ser tomadas por toda a classe trabalhadora também é vista pelos insurrecionalistas como uma resposta importante ao argumento de que o Estado pode simplesmente reprimir pequenos grupos. Apontam que “é materialmente impossível para o Estado e o capital policiar todo o terreno social”.¹⁴

Como se pode imaginar, os desejos individuais são centrais para o insurrecionalismo, mas não como no individualismo radical da “direita libertária”. Em vez disso, “o desejo de autodeterminação e autorrealização individual leva à necessidade de uma análise de classe e da luta de classes”.¹⁵

Grande parte da teoria insurrecionalista que analisamos até agora não apresenta problemas reais em princípio para os comunistas anarquistas. No nível teórico, os problemas surgem com a ideologia organizacional que os insurrecionalistas construíram paralelamente a ela. Grande parte dessa ideia foi construída como uma crítica ideológica ao resto do movimento anarquista.

¹² Do or Die 10, “Insurrectionary Anarchism and the Organization of Attack” (Anarquismo insurrecional e a organização do ataque).

¹³ J.W., Insurrection, online em http://www.geocities.com/kk_abacus/insurr5.html

¹⁴ Do or Die 10, “Insurrectionary Anarchism and the Organization of Attack”.

¹⁵ Do or Die 10, “Insurrectionary Anarchism and the Organization of Attack”.

O organizador

O criticismo insurrecionalista ao “organizador”, embora seja um aviso útil sobre os perigos inerentes a tal função, expandiu-se para uma posição ideológica que apresenta tais perigos como inevitáveis. Dizem-nos que “é função do organizador transformar a multidão numa massa controlável e representar essa massa perante os meios de comunicação social ou as instituições estatais” e que “para o organizador... a ação real fica sempre em segundo plano, atrás da manutenção da imagem nos meios de comunicação social”.

Provavelmente, a maioria de nós está familiarizada com campanhas de esquerda conduzidas por um determinado partido em que exatamente isso aconteceu. Mas nossa experiência é que isso não é inevitável. É perfeitamente possível que indivíduos ajudem a organizar uma luta sem que isso aconteça. Um camarada tem mais tempo do que qualquer outra pessoa, então assume várias tarefas que precisam ser feitas – ele não é, portanto, um organizador?

O problema com a aparente proibição geral dos “organizadores” é que ela impede a análise das razões pelas quais esses problemas surgem e, portanto, como podem ser prevenidos.

No caso do trabalho com a mídia, não há mistério. Qualquer pessoa que trabalhe com a mídia em uma luta controversa será bombardeada com perguntas sobre a probabilidade de violência – nos termos da mídia, essa é uma história “atraente”.

Se eles recebem isso dia após dia, semana após semana, eles começarão a tentar moldar a luta para seguir essa agenda da mídia. A solução é simples. Esse problema surge porque a esquerda tende a ter seu “líder”, que é responsável pela organização principal de um protesto, também como contato com a mídia para esse protesto.

Nossa experiência é que, se você separar as duas funções, de modo que os organizadores de um evento específico não sejam as pessoas que falam com a mídia sobre isso, o problema é significativamente reduzido, se não eliminado. Os organizadores reais ficam isolados da mídia, mas fornecem informações a quem for nomeado porta-voz para a imprensa. Esse porta-voz, no entanto, não tem voz ativa sobre a organização do protesto.

A mídia corporativa e a opinião popular

Isso nos leva à descrição insurrecionalista da mídia. “Uma opinião não é algo que surge primeiro entre o público em geral e depois é reproduzida pela mídia corporativa, como um simples relato da opinião pública. A opinião surge primeiro na mídia

corporativa. Em segundo lugar, ela é reproduzida pela sua rede um milhão de vezes, associando-a a um determinado tipo de pessoa (os conservadores pensam x, os liberais pensam y).” A opinião pública é produzida como uma série de escolhas ou soluções simples (“Sou a favor da globalização e do livre comércio” ou “Sou a favor de mais controle nacional e protecionismo”). Todos nós devemos escolher – assim como escolhemos nossos líderes ou nossos hambúrgueres – em vez de pensar por nós mesmos.”

Tudo isso parece muito bom – e há uma considerável verdade nisso. Mas essa análise generalizada impede novamente uma discussão sobre como esses problemas podem ser superados. Até que tenhamos nossa própria mídia alternativa – e, nesse caso, alguns dos problemas acima ainda se aplicariam –, seríamos insensatos em não utilizar os setores da mídia através dos quais podemos alcançar milhões de pessoas que, de outra forma, a falta de recursos nos impediria de alcançar.

E embora a mídia goste de simplificar a história, reduzindo-a a escolhas binárias, isso não significa que todos que se informam pela mídia corporativa aceitem essa divisão. Muitas pessoas, se não todas, compreendem que a mídia é falha e, por isso, tendem a não aceitar suas divisões binárias.

Aguardando a revolução?

Dizem-nos que a esquerda em geral e o restante do movimento anarquista em particular mantêm uma crítica à separação e à representação que justifica a espera e aceita a função de crítico. Com o pretexto de não se separar do “movimento social”, acaba-se denunciando qualquer prática de ataque como uma “fuga para a dianteira” ou mera “propaganda armada”. Mais uma vez, os revolucionários são chamados a “desmascarar” as condições reais dos explorados, desta vez pela sua própria inação. Consequentemente, nenhuma revolta é possível senão num movimento social visível. Assim, quem age deve necessariamente querer tomar o lugar do proletariado. O único patrimônio a defender passa a ser a “crítica radical”, a “lucidez revolucionária”. A vida é miserável, então não se pode fazer nada além de teorizar sobre a miséria.¹⁶

Aqui percebemos a principal fraqueza do insurrecionalismo – a falta de discussão séria sobre outras tendências anarquistas. Somos levados a acreditar que outros revolucionários, incluindo todos os outros anarquistas, preferem esperar e pregar sobre os males do capitalismo em vez de agir. Existem alguns poucos grupos para os quais isso

¹⁶ Anônimo, At Daggers Drawn with the Existent, its Defenders and its False Critics, Elephant Editions Online em http://www.geocities.com/kk_abacus/ioaa/dagger.html

é verdade, mas a realidade é que, mesmo entre o movimento revolucionário não anarquista, a maioria das organizações também se envolve em formas de ação direta quando considera que isso faz sentido tático. Na verdade, esse é também o julgamento que os insurrecionalistas fazem – como todos os outros, eles reconhecem a necessidade de esperar até que considerem que é o momento certo. Eles reconhecem que amanhã não é o dia de invadir a Casa Branca.

Crítica à organização

Outro ponto em que se pode criticar a ideologia do insurrecionalismo é o que diz respeito à questão da organização. O insurrecionalismo se declara contra a “organização formal” e a favor da “organização informal”. Muitas vezes, não fica claro o que isso significa, já que “organização formal” é simplesmente usada como um rótulo para todas as coisas que podem dar errado em uma organização.

Os insurrecionalistas tentam definir organização formal como “organizações permanentes [que] sintetizam todas as lutas dentro de uma única organização e organizações que mediam as lutas com as instituições de dominação”. As organizações permanentes tendem a se desenvolver em instituições que se colocam acima da multidão em luta. Elas tendem a desenvolver uma hierarquia formal ou informal e a desempoderar a multidão... A constituição hierárquica das relações de poder remove a decisão no momento em que ela é necessária e a coloca dentro da organização... as organizações permanentes tendem a tomar decisões com base não na necessidade de um objetivo ou ação específica, mas nas necessidades daquela organização, especialmente sua preservação. A organização se torna um fim em si mesma.”

Embora esta seja uma crítica bastante válida ao leninismo ou às formas social-democratas de organização, ela não descreve realmente as formas atuais de organização anarquista – em particular a organização comunista anarquista. Os comunistas anarquistas não buscam, por exemplo, “sintetizar todas as lutas dentro de uma única organização”. Em vez disso, acreditamos que a organização anarquista específica deve se envolver nas lutas da classe trabalhadora e que essas lutas devem ser autogeridas pela classe – não dirigidas por nenhum tipo de organização, anarquista ou não.

Soluções para os problemas de organização

Longe de criar hierarquias, nossos estatutos não apenas proíbem a hierarquia formal, mas também contêm disposições destinadas a impedir o desenvolvimento de

hierarquias informais. Por exemplo, um poder informal considerável pode recair sobre alguém que é o único capaz de realizar uma determinada tarefa e que consegue manter essa função por muitos anos. Por isso, o estatuto da WSM estabelece que nenhum membro pode ocupar um cargo específico por mais de três anos. Após esse período, eles devem se afastar.

Esse tipo de mecanismo formal para impedir o surgimento de hierarquias informais é comum em organizações comunistas anarquistas. Na verdade, é um exemplo de como a organização formal é uma grande proteção contra a hierarquia. Nosso método formal de organização também nos permite estabelecer regras para impedir o surgimento de hierarquias informais. O insurrecionalismo carece de qualquer crítica séria à hierarquia informal, mas, como qualquer pessoa ativa no movimento anarquista no mundo anglo-saxão sabe, a falta de uma organização formal de tamanho considerável significa que os problemas de hierarquia dentro do movimento são, na maioria das vezes, problemas de hierarquia informal.

Se você retirar as coisas que podem dar errado com uma organização, então o conceito insurrecionalista de organização “formal” se resume a uma organização que continua a existir entre e através das lutas. Embora mesmo aqui a distinção seja confusa, porque os insurrecionalistas também veem que, às vezes, a organização informal pode estar envolvida em mais de uma luta ou pode passar de uma luta para outra.

De uma perspectiva comunista anarquista, o objetivo principal de uma organização é ajudar a promover a comunicação, um propósito comum e a unidade entre as lutas. Não no sentido formal de todas as lutas serem forçadas a seguir um único programa e sob um único conjunto de líderes. Mas no sentido informal da organização comunista anarquista atuar como um canal de comunicação, movimento e debate entre as lutas, permitindo uma maior comunicação e aumentando as chances de vitória.

A alternativa insurrecional – organização informal

O método de organização preferido dos insurrecionalistas é guiado pelo princípio de que “a menor quantidade de organização necessária para alcançar os objetivos é sempre a melhor para maximizar os nossos esforços”. Isso significa pequenos grupos de camaradas que se conhecem bem e têm muito tempo para passar juntos discutindo questões e agindo – os grupos de afinidade.

Dizem-nos que “ter afinidade com um camarada significa conhecê-lo, aprofundar o conhecimento sobre ele. À medida que esse conhecimento cresce, a afinidade pode aumentar a ponto de tornar possível uma ação conjunta”.¹⁷

É claro que os insurrecionalistas sabem que pequenos grupos são muitas vezes pequenos demais para alcançar um objetivo por conta própria, então, nesse caso, eles dizem que os grupos podem se federar temporariamente para esse objetivo específico.

Houve até tentativas de estender isso ao nível internacional.

A Internacional Insurrecional Antiautoritária pretende ser uma organização informal... [Ela] baseia-se, portanto, num aprofundamento progressivo do conhecimento recíproco entre todos os seus aderentes... Para tal, todos aqueles que a ela aderirem devem enviar a documentação que considerarem necessária para dar a conhecer a sua atividade... ao grupo promotor.¹⁸

O Núcleo de Base Autônomo

É evidente que uma revolução libertária bem-sucedida requer que a massa popular esteja organizada. Os insurrecionalistas reconhecem isso e tentaram construir modelos de organização de massa que se encaixassem em seus princípios ideológicos. Os Núcleos de Base Autônomos, como são chamados, foram originalmente baseados no Movimento Autônomo dos Trabalhadores Ferroviários de Turim e nas ligas autogeridas contra a base de mísseis de cruzeiro em Comiso.

Alfredo Bonanno, em *The Anarchist Tension*, descreveu a experiência de Comiso. “Um modelo teórico deste tipo foi utilizado numa tentativa de impedir a construção do base de mísseis americanos em Comiso, no início dos anos 80. Os anarquistas que intervieram durante dois anos construíram “ligas autogeridas”.¹⁹

Ele resumiu-os da seguinte forma: “Esses grupos não devem ser compostos apenas por anarquistas. Qualquer pessoa que pretenda lutar para alcançar determinados objetivos, mesmo que limitados, pode participar, desde que tenha em conta uma série de condições essenciais. Em primeiro lugar, o “conflito permanente”, ou seja, grupos com a característica de atacar a realidade em que se encontram, sem esperar ordens de mais ninguém. Depois, a característica de serem “autônomos”, ou seja, de não dependerem

¹⁷ O.V., *Insurrection*, online em http://www.geocities.com/kk_abacus/insurr3.html

¹⁸ Por uma Internacional Insurrecionalista Antiautoritária, Elephant Editions 1993 online em http://www.geocities.com/kk_abacus/ioaa/insurint.html

¹⁹ Alfredo Bonanno, *A Tensão Anarquista*, Título original, *La Tensione anarchica*. Traduzido por Jean Weir, 1996, disponível online em http://www.geocities.com/kk_abacus/ioaa/tension.html

nem terem qualquer relação com partidos políticos ou organizações sindicais. Por fim, a característica de enfrentar os problemas um por um e não propor plataformas de reivindicações genéricas que inevitavelmente se transformariam em uma administração semelhante a um minipartido ou a um pequeno sindicato alternativo.”²⁰

Apesar de terem “autogestão” no nome, essas ligas parecem, na verdade, organizações de fachada usadas por muitas organizações leninistas para articular e controlar lutas sociais. Por quê? Bem, a definição acima é a de uma organização que, embora busque organizar as massas, o faz seguindo linhas definidas por grupos informais de anarquistas. Se fosse realmente autogerida, certamente a própria Liga definiria seu método de operação e quais questões gostaria de lutar. E, desde o início, as ligas excluem não apenas todas as outras organizações concorrentes, mas até mesmo relações com partidos políticos ou organizações sindicais. Mais uma vez, qualquer luta autogerida real tomaria a decisão de com quem se relacionar por si mesma e não simplesmente seguiria o ditame de uma minoria ideológica organizada.

Outro insurrecionalista, O.V., definiu as ligas como “o elemento que liga a organização anarquista informal específica às lutas sociais” e declarou sobre elas:

Esses ataques são organizados pelos núcleos em colaboração com estruturas anarquistas específicas que fornecem apoio prático e teórico, desenvolvendo a busca dos meios necessários para a ação, identificando as estruturas e os indivíduos responsáveis pela repressão e oferecendo um mínimo de defesa contra tentativas de apropriação política ou ideológica pelo poder ou contra a repressão pura e simples.²¹

Se isso não bastasse, as estruturas anarquistas específicas assumem o papel de tomar praticamente todas as decisões importantes da liga. Isso torna sem sentido qualquer reivindicação de autogestão e transformaria tal liga em uma entidade manipulada por um grupo autoproclamado de autênticos revolucionários, supostamente capazes de lidar com questões que os outros membros não conseguem. Isso parece tão contrário ao que os insurrecionalistas afirmam em outros locais que devemos parar e refletir sobre por que eles acabam adotando tal posição.

²⁰ Alfredo Bonanno, *The Anarchist Tension*, Original Title, *La Tensione anarchica* Translated by Jean Weir, 1996, online at http://www.geocities.com/kk_abacus/ioaa/tension.html

²¹ O.V., *Insurrection*, online em http://www.geocities.com/kk_abacus/insurr2.html

A questão do acordo

A resposta está no fato de que uma ação comum requer, obviamente, um certo nível de acordo comum. A abordagem insurrecionalista a essa questão é de difícil compreensão e é a razão pela qual contradições tão estranhas surgem nas ligas autogeridas que eles defendem. O problema é que chegar a um acordo exige tomada de decisões e, na tomada de decisões, abre-se a possibilidade de que a maioria tome uma decisão que os quadros informais consideram errada.

O artigo “Do or Die” tenta definir esse problema óbvio da seguinte forma: “A autonomia permite que as decisões sejam tomadas quando são necessárias, em vez de serem predeterminadas ou adiadas pela decisão de um comitê ou reunião. Isso não significa, porém, que não devemos pensar estrategicamente sobre o futuro e fazer acordos ou planos. Pelo contrário, planos e acordos são úteis e importantes. O que se enfatiza é uma flexibilidade que permite às pessoas descartar planos quando eles se tornam inúteis. Os planos devem ser adaptáveis aos eventos à medida que eles se desenrolam.”

Isso levanta mais perguntas do que respostas – como você pode planejar sem pré-determinar algo? Se um grupo de pessoas “pensa estrategicamente sobre o futuro”, esse grupo não seria um “comitê ou conselho”, mesmo que opte por não usar esse nome? E quem argumenta a favor de planos que não são “adaptáveis aos eventos à medida que eles se desenrolam”?

De uma perspectiva comunista anarquista, o objetivo de pensar estrategicamente sobre o futuro é utilizar esse pensamento para planejar o futuro. Os planos envolvem tomar decisões antecipadamente – predeterminá-las, pelo menos até certo ponto. E os planos devem ser elaborados e acordados formalmente, o que certamente envolve reuniões e pode muito bem envolver a reunião de um comitê. Por que negar qualquer uma dessas coisas?

Negociação

Tal como os anarcossindicalistas mais doutrinários, os insurrecionalistas assumem uma posição ideológica contra as negociações. “A concessão apenas fortalece o Estado e o capital”, afirmam. No entanto, este é um slogan que apenas funciona se você faz parte de um pequeno grupo sem influência na luta. Sem a revolução, será incomum vencer uma luta de forma definitiva, então, se nossas ideias forem ouvidas, seremos repetidamente confrontados com uma vitória limitada e, portanto, negociada, ou com a derrota nas mãos, porque aconselhamos lutar por mais do que sabemos que podemos conquistar. Certamente

nosso objetivo deve ser conquistar tudo o que for possível, e não sofrer uma derrota gloriosa? Aparentemente não.

Um insurrecionalista descreve de forma elogiosa como “trabalhadores que, durante uma greve espontânea, carregavam uma faixa com os dizeres ‘Não estamos pedindo nada’, compreenderam que a derrota está na própria reivindicação”.²² Obviamente, isso só faz sentido quando os trabalhadores em questão já são revolucionários. Se se trata de uma luta social por, digamos, uma redução do aluguel ou um aumento salarial, tal faixa é um insulto às necessidades daqueles que estão na luta.

Na ausência da revolução, a questão não deve ser se negociar ou não, mas sim quem negocia, com que mandato e sujeito a que procedimentos antes que um acordo possa ser feito. A realidade é que, se essas questões forem evitadas, esse vácuo será preenchido por autoritários que ficarão felizes em negociar em seus próprios termos, de uma forma que minimize sua responsabilidade.

Repressão e debate

Sem entrar nos detalhes de cada controvérsia, um problema significativo em países onde insurrecionalistas transformam suas palavras em ações é que isso frequentemente resulta em ataques que pouco alcançam, exceto, por um lado, fornecer uma justificativa para a repressão estatal e, por outro, isolar todos os anarquistas, não apenas os envolvidos, do movimento social mais amplo.

Os insurrecionalistas afirmam estar dispostos a debater táticas, mas a realidade da repressão estatal significa que, na prática, qualquer crítica a tais ações é apresentada como um posicionamento a favor do Estado. Há quase 30 anos, Bonanno tentou definir todos aqueles que consideravam tais ações prematuras ou contraproducentes como estando do lado do Estado quando escreveu em “Armed Joy” (Prazer Armado) que

Quando afirmamos que não é o momento adequado para um ataque armado contra o Estado, estamos abrindo as portas do manicômio para os companheiros que estão realizando tais ataques; quando afirmamos que não é o momento para a revolução, estamos apertando as cordas da camisa de força; quando afirmamos que essas ações são objetivamente uma provocação, estamos vestindo os jalecos brancos dos torturadores.²³

²² Anon., At Daggers Drawn with the Existent, its Defenders and its False Critics, Elephant Editions Online at http://www.geocities.com/kk_abacus/ioaa/dagger.html

²³ Alfredo Bonanno, Armed Joy, traduzido por Jean Weir, título original, La gioia armata, 1977 Edizioni Anarchismo, Catania, 1998 Elephant Editions, Londres, disponível online em http://www.geocities.com/kk_abacus/ioaa/a_joy.html

A realidade é que muitas ações reivindicadas pelos insurrecionalistas não estão acima da crítica – e se os trabalhadores não têm permissão para criticar tais ações, não são eles simplesmente reduzidos a espectadores passivos em uma luta entre o Estado e a minoria revolucionária? Se, como Bonnano parece sugerir, não se pode criticar nem mesmo as ações mais insanas, então não se pode ter nenhuma discussão real sobre táticas.

Rumo a uma teoria comunista anarquista

Os comunistas anarquistas adotaram um critério diferente ao da sanidade quando se trata da questão da ação militante. Ou seja, se você afirma agir em nome de um determinado grupo, primeiro, você precisa demonstrar que o grupo concorda com o tipo de tática que você propõe usar. Essa questão é muito mais importante para a prática anarquista do que a questão de qual tática um grupo de anarquistas pode decidir ter como apropriada.

Como vimos, os comunistas anarquistas não têm nenhuma objeção em princípio às insurreições, nosso movimento foi construído a partir da tradição das insurreições dentro do anarquismo e nos inspiramos em muitos dos que participaram dessas insurreições. No presente, continuamos a desafiar as limitações que o Estado procura impor aos protestos, sempre que isso leva a luta adiante. Mais uma vez, isso não é apenas um julgamento que nos cabe fazer – nos casos em que afirmamos estar agindo em solidariedade com um grupo (por exemplo, trabalhadores em greve), deve ser esse grupo que dita os limites das táticas que podem ser usadas em sua luta.

O insurrecionalismo oferece uma crítica útil a muito do que é prática padrão da esquerda. Mas tenta falsamente estender essa crítica a todas as formas de organização anarquista. E, em alguns casos, as soluções que defende para superar problemas reais de organização são piores do que os problemas que se propõe resolver. Os comunistas anarquistas podem certamente aprender com os escritos insurrecionais, mas as soluções para os problemas da organização revolucionária não serão encontradas aí.

Outubro de 2006.

Notas sobre o artigo “Anarquismo, Insurreições e Insurreccionalismo”

O objetivo deste artigo é abordar certas questões que considero insuficientemente tratadas, se é que foram tratadas, no artigo de Joe Black, “Anarquismo, Insurreições e Insurreccionalismo”. Considero essas questões importantes se quisermos debater o insurreccionalismo, com o objetivo de compreender em perspectiva algumas de suas ideias e o lugar específico que ocupa no movimento anarquista em geral.

Traduzido por Instituto de Teoria e História Anarquista (ITHA) do inglês ao português.

Publicado em 25 de julho de 2025.

